

*A ficção contemporânea do  
Quebec como memória e como  
horizonte cultural*

*The Quebec's contemporary  
fiction as memory and as  
cultural horizon*

---

Zilá **BERND**

Professora titular aposentada  
da Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul, Professora do  
UNILASALLE/RGS, Porto Alegre –  
Rio Grande do Sul, Brasil.

[zilabster@gmail.com](mailto:zilabster@gmail.com)

---

## Resumo

O trabalho apoia-se em diferentes teóricos da memória, tais como Paul Ricoeur e Walter Benjamin, bem como em historiadores e sociólogos quebequenses, como Fernand Dumont, Jocelyn Létourneau e Gérard Bouchard, para mostrar que uma série de autores contemporâneos como Francine Noël (*Nous avons tous découvert l'Amérique*) e Sergio Kokis (*Amerika*) projetam uma visão das Américas como utopia de renovação, como Terra Prometida, mas também como distopia, como lugar de fracasso e desencanto em relação aos grandes mitos fundadores. Retomando as palavras de Jocelyn Létourneau, tentaremos ler exemplos da ficção quebequense contemporânea como lugar de reinvenção “de uma nova relação com a cultura, como memória e como horizonte” (Létourneau, 1998, p. 381).

**Palavras-chave:** memória, ficção quebequense, horizonte cultural, americanidade, utopias americanas.

## Abstract

The work relies on diverse theoreticians of memory as Paul Ricoeur and Walter Benjamin, as well as on Quebecois historians and sociologists, as Fernand Dumont, Jocelyn Létourneau and Gérard Bouchard, to demonstrate that a series of contemporary authors as Francine Noël (*Nous avons tous découvert l'Amérique*) and Sergio Kokis (*Amerika*) project a vision of the Americas as a renovation utopia, as The Promised Land, but also as dystopia, as a place of disenchantment about the great founding myths. Going back to Jocelyn Létourneau's words, we will try to read examples of Quebecois fiction as a place of reinvention “of a new relation with culture as memory and as horizon” (Létourneau, 1998, p. 381).

**Keywords:** Memory, Quebecois fiction, Cultural horizon, Americanité (*Americaness*), american utopias.

*La mémoire qu'on interroge  
A de lourds rideaux aux fenêtres  
Pourquoi lui demander rien?*

St. Denys Garneau, Monde irrémédiable désert.

---

**F**ernand Dumont (1927-1997) publicou um pequeno livro com um título intrigante: *O futuro da memória* (*L'avenir de la mémoire*, 1995) alguns anos antes de sua morte. O que o torna intrigante é o fato de pensarmos, em geral, na memória como herança do passado, enquanto Dumont, sociólogo muito conhecido no Quebec por suas publicações sobre a sociologia da cultura, propõe-se a interrogar o futuro do Quebec ao mesmo tempo em que evoca seu passado, a noção de cultura como herança e, portanto, inseparável da memória. Para esse sociólogo, a luta contra a amnésia no Quebec passa por duas vias aberta à memória: (1) a reconstituição da história onde predomina a prova, a verificação; (2) “o recurso à tradição que, sem credulidade beata às lendas, depende sobretudo de minha pesquisa do sentido, de minhas solidariedades e de minhas recusas” (1995, p. 58)<sup>1</sup>. Dessas duas opções, Dumont afirma que ambas podem ser aceitas, o que determinará construções identitárias renovadas. Lembra também que tradição e saber histórico impõem responsabilidades. Quais são estas responsabilidades de que nos fala o sociólogo? As de transformar o passado (saber histórico e tradição) em futuro; de utilizar os vestígios memoriais de todo gênero (inscritos em lendas e em saberes históricos) para iluminar o presente, o que permitirá a abertura da passagem ao futuro.

Nessa mesma linha de raciocínio, Gérard Bouchard propõe a reconciliação entre mito e racionalidade, em *Razão e contradição: o mito em socorro do pensamento* (*Raison et*

1 | A tradução é minha.

*contradiction*; le mythe au secours de la pensée, 2003). Na tipologia do pensamento proposta pelo autor, é favorecido o que ele chama de pensamento orgânico, que flexibiliza e que induz a negociações indispensáveis entre mito e razão.

O pensamento orgânico “fusionne et impulse” e convida a integrar imaginários coletivos e ideologias, mas também as zonas de silêncio e de sombra que são constitutivas das práticas discursivas e do discurso social de um estado de sociedade.

Note-se, nas proposições desses dois sociólogos das culturas, a necessidade de integração de elementos aparentemente contraditórios como tradição e saber histórico, mito e ideologia, ou seja, construções memoriais na perspectiva da possibilidade de extrair – dessa relação com o contraditório – de um novo sentido e de um novo futuro para a sociedade.

Lembramos também as teses desenvolvidas por Jocelyn Létourneau em *Passar para o futuro (Passer à l'avenir; histoire, mémoire, identité dans le Québec d'aujourd'hui, 2000)*. O autor retoma em capítulo intitulado “Pour une révolution de la mémoire collective”, um artigo publicado em 1998: “Impenser le pays et toujours l'aimer” onde faz a defesa da necessidade de refletir “en marge de l'histoire pensée et peut-être pensable du pays auquel il appartient”<sup>2</sup>: o Quebec (1998, p. 364). Tal afirmativa equivale a pedir para que os intelectuais assumam seu papel de participar da construção da consciência histórica, sobretudo no âmbito do que chama “les petites nations”, tais como a província do Quebec, que, não sendo um país, é uma nação no sentido de possuir língua e identidade próprias. O autor rompe com uma linha de pensamento de historiadores contemporâneos, sobretudo Gérard Bouchard, cujas teses tendendo ao nacionalismo são aceitas por uma maioria de intelectuais e também de cidadãos, sem discussão. Assume, desta forma, o papel de criticar os modelos interpretativos que se dão a ler como grandes sínteses ou grandes narrativas unificadoras. Autoproclamando-se crítico do projeto bouchardiano que, segundo ele, não é capaz de articular a lembrança (*souvenir*) ao devir da coletividade quebequense de ontem e de hoje, propõe-se a “repensar” (*impenser*) seu “país”.

Percebemos semelhanças com o pensamento de Walter Benjamin sobre os resíduos: a partir do poema de C. Baudelaire “Le vin des chiffonniers”, Benjamin reflete sobre o papel do catador que percorre as ruas de Paris à procura de resíduos, de restos, de dejetos. Nota que Baudelaire se identifica com o catador na medida em que faz dos dejetos a matéria de sua poesia, flanando pela cidade à noite em busca de restos de rimas. Esses elementos do submundo e da marginalidade, fenômenos residuais e decadentes, se transformam em matéria de poesia e se constituem, ao mesmo tempo, em instrumentos de compreensão do passado e de prenúncio de novos tempos.

### **A descoberta da América (que ainda não houve)<sup>3</sup>**

Queremos mostrar aqui como dois romances de autores contemporâneos da literatura em língua francesa do Quebec: Francine Noël (1945 - ) e Serge Kokis (1944 - ), brasileiro de nascimento, realizam o agenciamento do saber histórico, da tradição, dos mitos e da experiência

2 | “à margem da história pensada e talvez pensável do país ao qual ele pertence”.

3 | Título tomado de empréstimo de um pequeno livro de Eduardo Galeano editado pela editora da UFRGS, em 1990 (2ª ed.).

sensível, recolhendo fragmentos, vestígios de memórias, procurando desvendar zonas de sombra e de silêncio, como refere G. Bouchard, na tentativa de reconstituir uma memória coletiva dinâmica. Valem-se da memória como instrumento de reconhecimento do vivido das personagens para ressignificá-la no presente, o que lhes permite dar um novo sentido à existência de seus personagens.

### Francine Noël

Francine Noël, em *Nous avons tous découvert l'Amérique* (Nós todos descobrimos a América, 1990), coloca judiciosamente em epígrafe um poema de Marco Micone, um dos idealizadores da famosa revista criada por escritores migrantes do Quebec, *Vice versa*. Ele foi um dos primeiros de seu grupo a (re)introduzir o conceito de transcultura no Canadá, o qual preconiza a passagem através e para além das culturas. O transcultural, como afirmava Tassinari, outro componente do grupo criador da mencionada revista, não possui perímetro (1984, p. 299).

O poema de Marco Micone, em epígrafe a *Nous avons tous découvert l'Amérique*, fala da relação dos migrantes com as pessoas do país de acolhida (o Quebec):

*Nous sommes cent peuples venus de loin  
Pour vous dire que vous n'êtes pas seuls.*<sup>4</sup>

4 | “Nós somos cem povos vindo de longe / Para dizer que vocês não estão sós.”

5 | “le cumul des cultures et le déracinement.”

6 | “métisse, mutante, mais nullement muette.”

A imensa solidão da protagonista do romance de Francine Noël, Fatima, irá levá-la a buscar o amor junto a vários amantes, mas será Amélia, francesa de origem espanhola, tradutora de profissão vivendo em Montreal há 13 anos, o grande móvel de sua afeição. A forte empatia de Fatima em relação à Amélia se origina do fato dela representar o “acúmulo de culturas e o desenraizamento”<sup>5</sup> (p. 59) e eu acrescentaria seu trabalho de tradutora e seu projeto de traduzir do espanhol Delia Febrero, autora ficcional desconhecida em língua francesa. Fatima irá comparar sua amiga a La Malinche, amante de Hernán Cortés, cujo nome passou injustamente à história como a da mulher que traiu seu povo, ajudando o conquistador a subjugar os astecas. Octavio Paz foi o primeiro, no ensaio “Os filhos de La Malinche”, a desconstruir esse mito e a reinterpretar o papel de La Malinche de modo positivo, como sendo a mãe primitiva do povo mexicano, a que deu origem à mestiçagem fundadora dos mexicanos. Para Fatima, a imagem dessa personagem histórica que foi mitologizada remete à mulher que foi escravizada pelos maias: “mestiça, mutante, mas não muda”<sup>6</sup> (2000, p. 360).

Somos levados a interpretar a recorrência da figura de La Malinche no fecundo romance de Francine Noël, apresentado sob a forma de um diário, como reconhecimento do papel fertilizador dos imigrantes na sociedade quebequense, como símbolo de um feminismo *avant la lettre* e também como uma primeira representante do espírito migrante do qual nos fala Pierre Ouellet. Segundo esse autor, não é preciso ter vindo de fora (do exterior) para termos um espírito migrante, pois esse não é unicamente geocultural, ou seja, associado ao

deslocamento de um território a outro, mas remete a deslocamentos de natureza simbólica em direção à alteridade.

O legado maior de Amélia depois de sua morte são as cartas dirigidas à Fatima, nas quais ela escreve sobre a necessidade de difundir as vozes das mulheres, originárias da movência e da mestiçagem, para torná-las audíveis em todos os continentes. A personagem narradora – Fatima – faz o luto da perda de sua amiga através da leitura e releitura dessas cartas, logo, a partir de traços memoriais. Ela não reatualiza o discurso do ressentimento ou do inacabamento: retoma a temática da migrância no sentido primeiro (passagem de um território a outro) e também no sentido da migrância espiritual e intelectual (P. Ouellet) para refletir sobre as questões identitárias no Quebec em virtude da grande diversidade cultural trazida por sucessivos fluxos migratórios. A amizade de Amélia deixa marcas profundas sobre sua maneira de ver e de agir sobre o mundo. Sua profissão de tradutora permite-lhe a ultrapassagem do isolamento das culturas e a possibilidade de reconfiguração relacional das culturas postas em contato pelo exercício da tradução.

O manuscrito de Delia Febrero que Amélia havia traduzido perde-se em alguma parte durante a travessia do Atlântico devido ao acidente aéreo, no qual Amélia perece. A única cópia da tradução afoga-se “entre céu e mar como Amélia” (p. 387). Entre memória e esquecimento, o espaço de repensar ou de *impensar* sua relação consigo mesma e sua comunidade abre-se para a personagem narradora do diário (que vai de 26 de fevereiro a 6 de fevereiro do ano seguinte). Abertura para a diversidade, para o inter e o transcultural, para uma identidade rizomática e relacional, para uma concepção do espaço cultural do Quebec como memória, como horizonte e como possibilidade de futuro. O fato da perda se dar no meio líquido que é o mar pode estar simbolizando o fato de as perdas memoriais para os emigrantes começarem durante a travessia do Atlântico.

### **Sergio Kokis**

Sergio Kokis<sup>7</sup>, em *Amerika* (2012), rememora a migração dos letões para o Brasil. Para ele, as projeções utópicas dos personagens, que deixam a Europa em busca de um lugar de recomeço, se constroem em torno do espaço americano. A América para imigrantes pobres será o Brasil do qual eles nunca ouviram falar antes do início da longa e penosa travessia da Europa para a América do Sul. O sonho da Terra Prometida transforma-se desde a chegada em fracasso, a terra se revela um lugar de desencanto: os imigrantes não resistem às rudes condições de trabalho de derrubada da mata virgem sem os instrumentos necessários para a realização de tal tarefa. Além disso, sobrevivem as doenças endêmicas da região como dengue e febre amarela. A escrita da narrativa da migração dos ancestrais do pai do narrador, nascido na Letônia, obriga o autor a refletir sobre a migração, sobre o exílio dos letões em direção à América, o que, de uma certa maneira, precede seu próprio exílio do Brasil para o Quebec. Mesmo que sua história de exilado não tenha tido esse lado dramático, ela não foi menos

7 | Sergio Kokis nascido no Brasil é filho de imigrantes originários da Lituânia. Ainda jovem imigra para o Canadá, para a província de Quebec onde exerce a profissão de psicólogo, além de ser escritor e pintor. Suas obras mais conhecidas como “O pavilhão dos espelhos” (traduzida para o português pela editora Record) trazem à tona suas memórias do período vivido no Brasil.

dolorosa em seu início do ponto de vista emocional, como podemos constatar pela leitura de *A casa dos espelhos* (*Le pavillon des miroirs*, Record, 2000).

A exemplo de Kafka, que escreveu um romance intitulado *Amerika*, com *k*, S. Kokis faz a opção de deixar *Amerika*, com *k*, grafia da língua lituana. As similitudes com o romance de Kafka não terminam aí: *Amerika*, de Kafka, é também conhecido como *O homem desaparecido* (*Der Verschollene*), pois incorpora vários detalhes de experiências dos membros da família que emigraram para os Estados Unidos da América. Trata-se de uma publicação póstuma de 1927. Como na obra de Kokis, o entusiasmo do protagonista Waldemar Salis com as possibilidades de recomeço no espaço americano é grande. Ambos são – Karls Rossmann, protagonista do romance de Kafka, e Waldemar Salis, do romance de Kokis – otimistas e veem seus sonhos utópicos em relação ao Novo Mundo fracassar completamente.

A colônia – Nova Europa – que o pastor Waldemar cria em São Paulo não prospera e, em pouco tempo, não restarão rastros desse povoamento; Karl, inocentemente, crê na bondade e na generosidade das pessoas que o acolhem em Nova Iorque, tornando-se vítima de escroques de todo o gênero. Não é, portanto, por um simples acaso que Kokis escolhe a citação de Kierkegaard para colocar em epígrafe:

*L'homme formé par l'angoisse l'est par le possible, et seul celui qui forme le possible l'est par son infinité. C'est pourquoi le possible est la plus lourde des catégories.*

*Søren Kierkegaard.*

A prosperidade na Terra Prometida era para esses dois Novos Adão um possível. O personagem de Kokis permanece próximo do pensamento de Kierkegaard, no qual a angústia está associada a uma ética religiosa, enquanto em Kafka, segundo Mauro Rocha Baptista, a angústia não existe na perspectiva da salvação, pensamento dominante no filósofo alemão. “Se em Kierkegaard ela é passagem para o ético, em Kafka, ela representa a impossibilidade da constituição de um mundo ético, logo, é também a denúncia da falta de ética constitutiva da realidade hodierna” (2011, p. 147).

### **As pesadas cortinas da memória**

Uma das lições a serem tiradas das assertivas de J. Létourneau e dos dois romances lidos e analisados é a de nos lembrar que a memória tem pesadas cortinas, como refere o poema em epígrafe, que é preciso limpar e desempoeirar (cf. Létourneau, 2000), de tempos em tempos, para melhor podermos olhar o que existe fora e além de nossa realidade.

Sergio Kokis assume o “dever de memória” de contar a história dos membros de sua etnia que, em 1922, atravessaram o Atlântico em busca de uma América incerta, que era de fato o Brasil. A narrativa corresponde a uma necessidade de rememorar uma fábula que o autor guardava nos desvãos de sua memória:

*dans son esprit depuis l'enfance, et il ne voulait pas qu'elle se perdît lorsqu'il ne serait plus là pour continuer à s'en souvenir, à l'enjoliver, à la transformer avec ses propres fictions au point d'en être réduit à l'imaginer entièrement à partir de simples bribes glanées il y a très longtemps (2012, p. 267-268)<sup>8</sup>.*

8 | Em seu espírito, desde a infância, ele não queria que ela se perdesse quando ele não estivesse mais lá para continuar a lembrar, para embelezá-la, para transformá-la com suas próprias ficções a ponto de ter se limitado a imaginá-la inteiramente a partir de vestígios recolhidos há muito tempo.

9 | “como memória e como horizonte, que será eventualmente redefinida a identidade quebequense”.

Foi, portanto, a partir de resíduos (*traces*) memoriais, de narrativas contadas pelos sobreviventes desta trágica expedição, as quais remontam ao país de origem de seu pai, que Kokis empreende a narrativa de uma migração fracassada onde a utopia da América como Canaã, como terra prometida, se desfaz.

Francine Noël deixa-se seduzir pelas memórias de uma diversidade cultural da qual ela quer impregnar-se. Será abrindo “o armário da memória” de onde vão emergir as diferentes mulheres, como as filhas de antigos camponeses franceses “que começaram a construir este país” (p. 359), como La Malinche, bem como as vozes de sua amiga imigrante e da autora (Delia Febrero) que ela estava traduzindo. Compartilhar esse fundo memorial dará à narradora os meios de compreender que ela não pode mais – para construir uma identidade americana - negar suas existências, foram todas elas juntas que descobriram a América. A América é, portanto, para a autora, lugar do reconhecimento da Diversidade, espaço aberto à Relação.

Tecendo os fios da pertença a uma memória coletiva, permanecendo abertos ao entrelaçamento das identidades culturais vindas de lugares diversos e em contínuo movimento e transformação, F. Noël e S. Kokis souberam alargar o espaço cultural quebequense em direção a uma americanidade cujos contornos não estão – felizmente – bem definidos, mas que se caracterizam como espaços de transações frutíferas e de inclusão de uma “história de encontros esquecidos” (Imbert, 2012, p. 58).

E será pela reinvenção de novas relações com a cultura de origem “comme mémoire et comme horizon, que sera éventuellement redéfinie l'identité québécoise” (Lé-tourneau, 1998, p. 381).

## Referências Bibliográficas

---

**BAPTISTA**, Mauro Rocha. Franz Kafka e a angústia kierkegaardiana. [http://www.ufsj.edu.br/portal2-positorio/File/revistaestudosfilosoficos/art9\\_rev6.pdf](http://www.ufsj.edu.br/portal2-positorio/File/revistaestudosfilosoficos/art9_rev6.pdf), Consultado em 15/04/2013. *Revista Estudos Filosóficos*, nº 6/2011. São João Del Rei, UFSJ, p. 131-149.

**BENJAMIN**, Walter. *Charles Baudelaire; un poète lyrique à l'apogée du capitalisme*. Paris: Payot, 2002.

**BERND**, Zilá. *Américanité et mobilités transculturelles*. Quebec: Presses de l'Université Laval, 2009. (Collection Américana)

**BOUCHARD, G.; ANDRES, B** (éds.) *Mythes et sociétés des Amériques*. Montreal: Québec-Amérique, 2007.

**BOUCHARD**, Gérard. *Raison et contradiction: le mythe au secours de la pensée*. Quebec: Nota Bene, 2003.

**CHOQUET, S.; LÉTOURNEAU, J.** Le Québec une autre Amérique, dossier. *Cités; philosophie, politique, histoire*. Paris: Presses Universitaires de France, n. 23, 2005, p. 11-184.

**DUMONT**, Fernand. *L'avenir de la mémoire*. Quebec: Nuit Blanche, 1995.

**GARNEAU**, St. Denys. Monde irrémédiable désert. In *Œuvres*, 1971. Apud MAILHOT, L.; NEPVEU, P. (Eds.) *La poésie québécoise des origines à nos jours*. Les Presses de l'Université du Québec et Hexagone, 1981. p. 257-258.

**IMBERT**, Patrick. Transactions/trans-actions. IN. FONTILLE, B.; IMBERT, P. (éds.). *Trans, multi, interculturalité, trans, multi, interdisciplinarité*. Québec: Presses de l'Université Laval, 2012. p. 55-80.

**KAFKA**, Franz. *Amérique*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000. (Título do original em alemão Amerika.)

**KOKIS**, Sergio. *Amerika*. Montreal: Lévesque éd., 2012.

**LÉTOURNEAU**, Jocelyn. *Passer à l'avenir; histoire, mémoire, identité dans le Québec aujourd'hui*. Montréal: Boréal, 2000.

\_\_\_\_\_. "Impenser" le pays et toujours l'aimer. *Cahiers Internationaux de Sociologie*, vol CV, 1998, p. 361-381.

**OUELLET**, Pierre. *L'esprit migrateur; essai sur le non-sens commun*. Montreal: VLB, 2005.

**NOEL**, Francine. *Nous avons tous découvert l'Amérique*. Montreal: VLB, 1990.

**RICOEUR**, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Unicamp, 297. Trad. Alain François et alii.

**RIENDEAU**, Pascal. *Quelle Amérique? Voix et images*. Montreal, UQAM, 112, automne 2012, p. 129-134.

**TASSINARI**, Lamberto. Le projet transculturel. IN CACCIA, F. (éd.) *Sous le signe du Fénix*. Entretiens avec 15 créateurs italo-québécois. Montréal: Guernica, 1985. p. 291-305.